

Sambuka

Nome ilustre em Moçambique, forjado nos tempos em que por lá havia uma “República Popular”. Depois, mesmo para quem chega ao Aeroporto de Mavalane, o Aeroporto Internacional de Maputo, tornou-se perceptível o apagamento da palavra “popular” e Moçambique ficou a ser apenas a “República de Moçambique”. É certo que a Kalashnikov continua a ondular na bandeira. É certo que não se entende o que significa aquela metralhadora, também conhecida por AK-47, o modelo de metralhadora mais produzido de todos os tempos, o que quer ela lembrar, na bandeira de Moçambique? Será que a actual República é menos popular que a anterior? Mas pensar nisso não compete aos cidadãos comuns. É que tem a ver com África aquele símbolo universal de morte, a AK-47, produzida na União Soviética, na China, produzida também em todas as fábricas artesanais de armas, do Afeganistão ao Paquistão, aquela metralhadora que vimos e vemos nas mãos de tanta gente, de Angola ao Iraque, muitas vezes vimo-la e vemos nas mãos de crianças?

Símbolo de luta? Ora, conversas... Pensando isto, Jesus Sambuka entrou no avião. Horas depois, o tempo passado a pensar no próprio nome, nome de família de famílias importantes, aterrava em Lisboa. Daqui seguiria para uma pequena cidade portuguesa, mas ele maravilhava-se com tudo. As coisas que havia para comprar! A limpeza das ruas, o excelente asfalto e aqueles molungos a refilar com tudo isso. Molungos, sim, brancos, na sua língua natal, ou Shilungos, “Tugas”, nome que equivale um pouco a filho de fraca mulher. Estranhara até, que um dia, uma selecção deles tivesse sido conhecida como “tugas”! Realmente, os gajos andavam a precisar de saber algo da sua própria História! Ya, pensou, naquele português com os toques de Moçambique... Estava de guarda ao edifício de Letras, para ganhar algo mais que a sua pequena bolsa de estudante, quando apareceu um molungo. Falou com ele. “Moçambicano? Inhofista, Shitombo da Basa!” E continuara, o molungo... Comoveu-se até às lágrimas! Chorou, desabafou com aquele branco que o olhava como um irmão: “man, há quantos anos não me insultavam em Wronga!” Ele e o branco sabiam quando se insulta alguém com carinho, com amor. Não dá para traduzir, aquilo, ele sabia que tinha sido uma prova de afecto! Foi várias vezes ao apartamento do branco, conversaram. Ele explicou-lhe as dificuldades que tinha, o inimigo-patrício respondia-lhe, uns olhos castanhos de homem preto, uns olhos nos olhos que não mentiam. “Enkwesu a va evangano”, dizia o branco. “Somos amigos, eu sei, Professor, confio em ti, mas que me adianta? Ainda outro dia andei aos tiros, eu que até já estou quase a ficar sem residência!” “Ya, não sejas grunho, sabes o que deves fazer, matumbo? Vou-te dizer, mas nunca to disse, A ku kanela Shilungo, lembras-te do Xicuembo?” “Porra, professor, sei que falamos português, e

que tenho eu a ver com feitiços?” “Tudo, Sambas, és preto, isso dá mais que rands, os blacks aqui fartam-se de ganhar nota com essas conversas!” Sambuka foi para casa com um livrinho que o amigo lhe deu. Falava de Rudolf Steiner, o fundador da “biodinâmica”, a acção do ser humano como agente das forças da Terra e do Universo. Abriu-se-lhe luz na cabeça! Era isso, aquele unguenha – crocodilo - tinha razão! Passaria a ser feiticeiro.

Carlos Mota